

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE TEATRO BACHARELADO**

LIDIANE DE SOUZA

MEU BOI DOURADO: A ARTE DEF E A CULTURA POPULAR

CRICIÚMA

2025

LIDIANE DE SOUZA

MEU BOI DOURADO: A ARTE DEF E A CULTURA POPULAR

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Teatro no curso de Teatro da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gustavo Bieberbach Engroff.

CRICIÚMA

2025

LIDIANE DE SOUZA

MEU BOI DOURADO: A ARTE DEF E A CULTURA POPULAR

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Teatro no curso de Teatro da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gustavo Bieberbach Engroff.

Criciúma, 22 de junho de 2025

BANCA EXAMINADORA

Orientador Luiz Gustavo Bieberbach Engroff –
Doutor - UNESC

Aurélia Regina de Souza Honorato Doutora - UNESC

Silemar Maria de Medeiros da Silva Mestra - UNESC

CRICIÚMA

2025

*Aos artistas que constroem presença onde
antes não havia lugar.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus alunos artistas, por cada abraço depois do ensaio, cada silêncio que dizia tudo, cada entrega que me inspirou.

À Jéssica Landin e à Victória João, por toda a parceria, durante essa linda trajetória que foi a montagem do Boi de Mamão. Agradeço também a toda a equipe multidisciplinar da APAE, em especial à diretora Silvana Brunel e à coordenadora Beatriz Constâncio, pelo apoio constante em cada etapa.

Aos artistas e amigos envolvidos na montagem, que compartilharam seus ensinamentos: Marcelo, Evelin, Grupo Cultura Mamoneira, Zé do Boi e Edi Balod.

Ao meu orientador Luiz Gustavo, por sua paciência e ensinamentos ao longo de todo esse processo e durante o curso.

Ao meu marido, Michel José Antunes, por todo o apoio e carinho durante minha vida acadêmica.

Ao meu filho, Miguel de Souza Antunes, por sua paciência e amor nos momentos em que estive distante.

A dança, que foi meu início.

A todos os mestres e professores da arte que cruzaram meu caminho, compartilhando seus saberes e me inspirando.

Ao Grupo de Dança Soul Dance/Coletivo SOU, que me proporcionou anos de alegrias, aprendizado e crescimento.

Ao meu amigo João Gabriel da Rosa, presente que a arte me deu.

E, finalmente, à Lidiane Frello, que persiste, luta e segue criando.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso relata a experiência de criação do grupo de Boi de Mamão da APAE de Içara (SC), explorando o folguedo como forma de acesso e valorização da cultura popular catarinense. A pesquisa apresenta brevemente um histórico do Boi de Mamão, traçando paralelos com o teatro de rua e o teatro de animação, especialmente no que diz respeito à presença do corpo, à musicalidade e à manipulação de bonecos. Por meio de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, descrevo o processo de construção coletiva que envolveu oficinas formativas, confecção de personagens, ensaios e a apresentação final, evidenciando o protagonismo artístico da pessoa com deficiência. O estudo parte da seguinte questão: De que forma a participação do artista DEF no Boi de Mamão reforça a resistência cultural e amplia as possibilidades de representatividade dentro da arte popular? A partir disso, destaco a potência das artes cênicas no desenvolvimento social, emocional e criativo dos participantes, reforçando a importância de reconhecer o artista DEF como agente criador e culturalmente ativo.

Palavras-chave: Boi de Mamão, Teatro, APAE, artista DEF, protagonismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Armação de bambu boi, cabra e cavalo	20
Imagem 2 - Armação bambu Maricota	20
Imagem 3 - Encerramento da Oficina de pesquisa em Boi de Mamão	26
Imagem 4 - Oficina com o Grupo Cultura Mamoeira	27
Imagem 5 - Casa do Boi de Mamão - Tubarão SC	28
Imagem 6 - Desenho da aluna Marianne Paes	29
Imagem 7 - Estandarte	29
Imagem 8 - Atividades com os alunos na área externa da escola	31
Imagem 9 - Hercílio e a estrutura da Maricota	33
Imagem 10 - Corpo da Maricota	33
Imagem 11 - Cabeça do Boi e da Cabra	34
Imagem 12 - Artista Bonequeiro Marcelo e a cabeça da Maricota	35
Imagem 13 - Maricota	35
Imagem 14 - Ensaio com a Bernunça	36
Imagem 15 - Aluna Márcia costurando as flores no Boi	37
Imagem 16 - Corpos do Cavalinho, do Boi e da Cabra	37
Imagem 17 - Ensaios	38
Imagem 18 - Apicultor	40
Imagem 19 - Figurinos	41
Imagem 20 – Apresentação I	42
Imagem 21 - Apresentação II	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

arte DEF	Termo que define a arte feita por pessoas com deficiência
artista DEF	Termo que define a artistas com deficiência
ABDV	Associação Brasiliense de Deficientes Visuais
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CAESP	Centro de Atendimento Educacional Especializado em Educação Especial
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
PCD's	Pessoa com Deficiência
PVC	Policloreto de Vinila
SC	Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O BOI DE MAMÃO : TRADIÇÃO E MEMÓRIA CULTURAL	15
3 BOI DE MAMÃO E TEATRO DE ANIMAÇÃO: INTERSECÇÕES CÊNICAS	18
4 O BOI DA RUA	22
4.1 O CHAMADOR, OS CANTORES E OS MÚSICOS	23
5 O NASCIMENTO DO BOI DOURADO	25
5.1 ESTRUTURAS	30
5.2 A MARICOTA	32
5.3 CONSTRUÇÃO DAS CABEÇAS DOS PERSONAGENS	34
5.4 CORPOS EM CONSTRUÇÃO	37
5.5 ENSAIOS	38
5.6 FIGURINO	40
6 O GRANDE DIA	42
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
8 REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Desde cedo, a arte esteve presente em cada etapa da minha vida, influenciando quem sou e o que faço. Foi por meio dela que encontrei caminhos para me expressar, me conectar com o outro e, sobretudo, transformar realidades.

Meu primeiro contato com arte cênica foi através da dança durante o ensino médio (2004/2005), na Escola de Educação Básica Salete Scotti dos Santos, localizada no município de Içara, onde nasci. Naquela época, a dança de rua estava ganhando força em minha cidade, e junto com alguns colegas, formamos um grupo na escola. Foi nesse ambiente que comecei a construir minha relação com a arte.

Em 2009, comecei a dar aulas de danças urbanas em um projeto social na mesma cidade, trabalhei como professora de dança nessa área por quase dez anos, conquistando muito, especialmente com o Grupo de dança Soul Dance/Coletivo SOU¹. Foi nesse período que conheci a performance, uma das linguagens das Artes Cênicas, por meio do meu amigo João Gabriel², a partir daí, percebi que queria expandir meus estudos além da dança urbana. Atualmente, considero a dança urbana e contemporânea, a performance e o teatro, os pilares fundamentais do meu conhecimento das artes cênicas.

Em 2017, ainda atuando no projeto social, tive a oportunidade de receber, semanalmente, em meu local de trabalho na Fundação Cultural de Içara, uma turma de alunos da APAE³ também do município. Esse grupo era composto por adultos com deficiência intelectual, e, por meio dessas aulas, percebi o quão gratificante era esse trabalho.

Com meu ciclo de atuação na FCI⁴ encerrado, surgiu a oportunidade de integrar-me à equipe da APAE. Inicialmente, minha função estava voltada apenas à área da dança, com o objetivo principal de preparar uma coreografia para o Festival Nossa Arte⁵, que ocorreria naquele ano. Após alguns meses de trabalho, passei a ministrar também as aulas de Arte, atuando na instituição com uma carga horária de quarenta horas semanais. Atualmente, sou Arte Educadora, formada em Artes

¹Grupo de dança Soul Dance/Coletivo SOU que dirigi ao longo de seus dez anos de existência, encerrando suas atividades durante o período pandêmico em 2020.

²João Gabriel da Rosa professor-artista e pesquisador, um amigo da arte.

³Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

⁴Fundação Cultural de Içara.

⁵Festival Nossa Arte, evento competitivo trienal de artes integradas promovido pela APAE Brasil.

Visuais⁶ Licenciatura e especialização em Educação Especial. Desde então, com exceção dos alunos da Estimulação Precoce⁷, todos os demais estudantes da instituição recebem aulas de Arte. Ao longo desse percurso, foram proporcionadas diversas experiências e resultados significativos, evidenciando o papel transformador da arte no desenvolvimento das pessoas com deficiência. A pesquisadora Franciane Sonni Martins Micheletto (2009), afirma que:

A arte deve contemplar as várias formas de expressão, sejam as artes visuais, a dança, a música ou o teatro; esta [...] contribui para que a imaginação alcance outros mundos possíveis, possibilitando novas maneiras de ser e sentir-se, a partir do ver, observar, sentir, fazer, expressar e refletir, sobre a sua produção e a dos outros (Micheletto, 2009, p. 25).

As artes cênicas representam, para mim, um campo de atuação no qual me sinto segura, o que se reflete diretamente na forma como conduzo minhas aulas. Embora reconheça a importância das artes visuais no processo educativo, foi por meio das artes cênicas que meu trabalho ganhou maior visibilidade. Ao explorar a expressão corporal com meus alunos, foi possível ampliar horizontes, potencializar conquistas e dar maior visibilidade às singularidades e talentos de cada um.

Em 2023, a equipe de profissionais da área artística na APAE de Içara passou por uma ampliação significativa. Tive a oportunidade de compartilhar as aulas de Arte com outra professora da área, Jéssica Gregório Landin⁸. Além disso, a instituição passou a contar com a presença de uma musicoterapeuta/professora de música, Ivani Kamke Schlemper⁹ e, também, com uma profissional especializada em Teatro, Victória de Souza João¹⁰. A formação dessa equipe multidisciplinar no setor artístico refletiu-se de forma clara e positiva no desenvolvimento dos educandos, evidenciado pelo avanço expressivo em diferentes linguagens artísticas.

No convívio com pessoas com deficiência, descobri ainda mais sentidos para aquilo que já sentia. A arte não é apenas um recurso pedagógico, mas uma forma de expressão e construção de vida. Encontro algumas reverberações das ideias em

⁶ Conclui minha primeira graduação pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).

⁷ Estimulação Precoce é o apoio ao desenvolvimento infantil dos 0 aos 6 anos, voltado para crianças com deficiência.

⁸ Jéssica Gregório Landin, amiga, arte educadora, artista e colega de trabalho na APAE de Içara.

⁹ Ivani Kamke Schlemper, musicoterapeuta, professora de música e colega de trabalho na APAE de Içara.

¹⁰ Victória de Souza João, amiga, atriz formada e colega de trabalho na APAE de Içara.

que acredito nas palavras de Maria Heloisa Ferraz e José Cerchi Fusari que cito abaixo:

A Educação através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence (Ferraz; Fusari, 1993, p.15).

Dessa forma, ao trabalhar a arte no contexto da educação especial, compreendo que estou contribuindo não apenas para o desenvolvimento de habilidades cognitivas ou motoras, mas também para a formação integral de sujeitos criadores.

Em Içara, o CAESP¹¹ Sonho Dourado, também conhecido como APAE Sonho Dourado, foi fundado em 1979 e desenvolve seu trabalho voltado ao atendimento de pessoas com deficiência, atuando em três eixos fundamentais: educação, saúde e assistência social. Atualmente, a instituição atende duzentas e vinte e três pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla, abrangendo faixas etárias desde a primeira infância até a terceira idade.

No presente a APAE conta com importantes iniciativas na área das artes cênicas. Entre elas, destaco o grupo de canto coral "*Sonho Dourado*", sob a orientação da professora Vaninha¹². Na área teatral, a instituição mantém o grupo de Teatro "*O Clown e o Down*", dirigido por mim e Vic¹³.

Mais recentemente, desenvolvemos o projeto Boi de Mamão da APAE de Içara, dirigido coletivamente pela equipe multidisciplinar. Esse será o foco principal da pesquisa. Nela, proponho-me a apresentar e analisar o processo criativo que resultou na montagem do espetáculo, destacando suas etapas, os aprendizados vivenciados ao longo do percurso e os impactos significativos na formação artística dos educandos.

Neste estudo, proponho referir-me aos artistas com deficiência como *artistas DEF*¹⁴. Essa expressão foi criada pela artista e pesquisadora brasileira Ana Carolina

¹¹CAESP, Centro de Atendimento Educacional Especializado em Educação Especial.

¹²A partir daqui vou me referir a Ivani Kamke Schlemper como Vaninha.

¹³A partir daqui vou me referir a Victória de Souza João como Vic

¹⁴Artista com deficiência.

Teixeira¹⁵, mulher com deficiência, artista¹⁶ que dedica seus estudos à chamada arte DEF¹⁷. A abreviação tem como principal objetivo fortalecer uma identidade cultural e política, promovendo reconhecimento e pertencimento a esse grupo de artistas, como cito abaixo:

[...] termo contemporâneo, “DEF”, criado pela artista e pesquisadora Carolina Teixeira, que vai muito além da abreviação da palavra deficiência: é uma denominação que nos fortalece identitária, cultural e politicamente.(Wougles,2024).

Assim, ao adotar o termo artista DEF, afirmo a presença e a potência desses corpos na cena artística, deslocando olhares marcados pelo capacitismo e reivindicando espaço legítimo de criação e protagonismo.

Esta pesquisa usa uma abordagem qualitativa, que tem como objetivo compreender de forma aprofundada experiências, vivências e processos. Será realizada no formato de Memorial que permite uma articulação entre o fazer artístico e a reflexão crítica, dando visibilidade às ações criativas, desafios e aprendizados vividos ao longo do percurso, unindo a prática no Teatro com uma reflexão sobre as vivências vividas. Além disso, a pesquisa também é bibliográfica, pois utiliza obras e publicações que ajudam a fundamentar as experiências vividas durante a criação e realização do trabalho.

No capítulo “O boi de Mamão: tradição e memória cultural” contextualizo a história e as principais características desse folguedo popular, destacando a cultura catarinense, sua natureza cênica e a riqueza simbólica de seus personagens.

A seguir em “Boi de Mamão e Teatro de Animação: Intersecções Cênicas” busco estabelecer uma ponte entre os elementos tradicionais do Boi de Mamão e os princípios do teatro de animação, refletindo sobre o papel do corpo do ator na manipulação dos bonecos e personagens.

Em “O Boi da Rua” aponto como essa manifestação cultural se insere no contexto do teatro de rua, destacando a importância dos espaços abertos para a aproximação com o público e a construção de uma experiência coletiva e interativa.

¹⁵Artista brasileira, coreógrafa e pesquisadora com uma trajetória consolidada nas artes cênicas e visuais, marcada por sua dedicação ao tema da deficiência como prática estética e política.

¹⁶Artivismo é a união entre arte e ativismo, usando a criação artística como forma de expressão política e social.

¹⁷ Termo que define a arte feita por pessoas com deficiência.

O texto também explora o papel fundamental da música e dos personagens na estrutura do folguedo, evidenciando as adaptações regionais que enriquecem a tradição.

Por fim, apresento todo o processo de criação e construção do Boi de Mamão da APAE de Içara, destacando a participação ativa da pessoa com deficiência como artista e agente criativo, abordando as adaptações realizadas no folguedo, os ensaios realizados e a apresentação final.

2 O BOI DE MAMÃO : TRADIÇÃO E MEMÓRIA CULTURAL

Para compreender o processo de criação do Boi de Mamão na APAE de Içara, é fundamental contextualizar a história e as características desse folguedo, assim como suas conexões com a linguagem teatral.

O Boi de Mamão é uma manifestação cultural tradicional inserida no contexto dos folguedos populares brasileiros, sendo uma expressão marcante do patrimônio imaterial de Santa Catarina. Essa prática é especialmente difundida no litoral do estado, onde se mantém como uma importante forma de expressão da identidade local.

No Brasil, diversas manifestações folclóricas utilizam a figura do boi como elemento central de suas encenações, como ocorre no Bumba Meu Boi na região nordeste, mais especificamente no estado do Maranhão e no Boi Bumbá no Amazonas que se apresentam em um tom mais dramático, já o Boi de Mamão é caracterizado por uma encenação mais cômica. Segundo a revista de extensão BOI DE MAMÃO NA COMUNIDADE: educação, cultura popular e as linguagens artístico-culturais (Pereira *et al.*, 2017, p.77):

O Boi de Mamão é considerado uma das brincadeiras com mais amplitude do folclore catarinense. Divertida, interativa e leve, a apresentação encanta a todos, desde aqueles que já tiveram contato, assim como os que presenciam/experienciam pela primeira vez. Ele se faz como teatro de rua, manifestação popular que contempla diversas linguagens, um exercício híbrido que nos faz dançar, cantar e explorar um movimento corporal que, enquanto dança, se assusta, se alegra e se envolve em uma brincadeira compartilhada com a comunidade como um todo, num exercício multicultural (Pereira *et al.*, 2017, p. 77).

Diante disso, é notório o caráter festivo e a atmosfera de alegria que permeiam as apresentações do Boi de Mamão, refletindo a vivacidade das tradições populares e o engajamento das comunidades envolvidas.

O enredo é estruturado em torno de um personagem central, o boi. A narrativa segue um modelo tradicional, no qual, em determinado momento da apresentação, o boi “morre” e, posteriormente, é ressuscitado. No entanto, cada grupo adapta a história conforme a cultura local, variando tanto os motivos que levam à "morte" do boi quanto às formas de sua ressurreição. Além do boi, a encenação conta com um elenco de personagens que, em sua maioria, são recorrentes, como o cavalinho, a cabra, a Maricota, o médico, a benzedeira, o urubu, a Bernunça, o vaqueiro e os

músicos, cada um desempenhando um papel essencial na construção da narrativa e na dinâmica da apresentação. Como estamos tratando de uma manifestação popular viva, o folguedo vai se desenvolvendo e incorporando personagens e narrativas ao longo de suas apresentações, como podemos constatar na afirmação de Doralécio Soares (1979), quando afirma que:

No Boi de Mamão de ontem não figuravam a Maricota, figura de mulher gigante, de semelhança ocidental, nem a Bernunça, réplica do grande dragão Celeste Chinês. Estas introduções não desmerecem o valor das apresentações, ao contrário, vem enriquece-las, é a dinâmica do folclore dentro da criatividade popular. E assim vamos encontrar nas dezenas de Bois de Mamão de Santa Catarina os mais diversificados tipos de figuras acompanhando as tradicionais... (Soares, 1979, p.30).

Em algumas versões do Boi de Mamão, encontram-se figuras como o urso, o gorila e Seu Mariano, entre outros. Além disso, determinados personagens podem ser incorporados conforme sua relevância cultural e simbólica para a localidade em que a manifestação ocorre. Um exemplo é a presença da bruxa na Ilha de Santa Catarina, personagem de grande importância no imaginário popular da região, principalmente por influência da obra do multiartista Franklin Cascaes¹⁸.

Segundo Nereu do Vale Pereira, existem várias versões sobre a verdadeira origem do Boi de Mamão, portanto "[...] não se pretende chegar a conclusões, mas, sobretudo, levantar a discussão sobre o assunto" (Pereira, 2010, p. 50). Já em sua obra *Raízes do Saber Popular: Os Ritos, os Mitos e o Folclore* (Fernandes, 2008), a autora apresenta diferentes narrativas sobre a origem dessa manifestação cultural. No entanto, concordando com o autor, não busco determinar uma versão definitiva, mas destacar que o folguedo do Boi de Mamão transcende a discussão entre o certo e o errado. Conforme mencionado anteriormente, entre as diversas versões sobre a origem do Boi de Mamão, há a hipótese de que ele tenha sido trazido para Santa Catarina a partir do Bumba Meu Boi Nordestino. Outra narrativa relata que os atores-manipuladores apenas aceitavam participar da brincadeira caso lhe oferecessem um copo de cachaça, fazendo referência ao boi mamado daquele que bebe. Entretanto, como professora de Arte da APAE de Içara, prefiro contar a história segundo a qual o nome "Boi de Mamão" teria surgido da tentativa de adaptar

¹⁸Franklin Cascaes foi um artista e pesquisador catarinense que dedicou sua obra à cultura popular e ao folclore da Ilha de Santa Catarina.

o folgado nordestino à cultura catarinense, utilizando o mamão verde para confeccionar a cabeça do boi.

Quando então, naqueles momentos, todos os nossos bois eram feitos (inclusive quando brincávamos de criação de gado em montagem de fazendas), com frutos do mamoeiro, geralmente verdes, por serem mais resistentes (Pereira, 2010, p. 55).

Não pretendo apresentar essa versão como a narrativa definitiva sobre a origem do Boi de Mamão. Enquanto professora, busco explicar aos meus alunos que existem diversas interpretações sobre seu surgimento, incluindo a que associa o nome do folgado ao uso do mamão verde na confecção da cabeça do boi. Essa versão, em particular, desperta grande interesse entre os estudantes, pois sua simplicidade e proximidade com o cotidiano tornam o entendimento mais intuitivo.

3 BOI DE MAMÃO E TEATRO DE ANIMAÇÃO: INTERSECÇÕES CÊNICAS

O Boi de Mamão é um folguedo, ou seja, combina música, dança e encenação criando uma performance cênica. Nessa manifestação, o boi e outros personagens ganham vida por meio da manipulação dos brincantes, que utilizam movimentos para dar expressão às figuras. A diretora e bonequeira Ana Maria Amaral em seu livro: “Teatro de formas animadas: máscaras, bonecos, objetos” observa que:

[...]o ator, enquanto ator, é visto, tem presença do personagem. E enquanto o ator-manipulador fica neutralizado pelo boneco, não tem a presença do personagem. O ator-manipulador está e não está em cena; é o ego do personagem mas não a sua imagem. A energia, o elã vital do boneco é dado pelo ator-manipulador através do movimento (Amaral, 1996, p.73).

O ator-manipulador empresta seu corpo e sua expressividade para dar vida a figuras conferindo-lhes movimento, presença cênica e significado simbólico. Para que isso aconteça, é essencial que o ator se entregue ao processo de manipulação, colocando energia, atenção e sensibilidade em cada gesto, de modo que o boneco ganhe vida aos olhos do público. No teatro de animação, a ilusão de vida é um elemento central e no Boi de Mamão, ela se manifesta de forma intensa, tornando a apresentação um espetáculo teatral completo.

A preservação e continuidade do Boi de Mamão estão ligadas à transmissão oral e à observação da prática, são técnicas que não seguem um código rígido, mas são assimiladas por meio da convivência, do ensaio e da observação dos mais experientes.

A observação desempenha um papel essencial no aprendizado, uma prática que não limita a criatividade, mas a incentiva, permitindo que os atores-manipuladores desenvolvam sua expressividade dentro de uma estrutura conhecida.

No Boi de Mamão, o impacto artístico não está apenas na repetição de movimentos tradicionais, mas na forma como cada ator-manipulador os interpreta, incorporando variações e enriquecendo a experiência do público. A apropriação e reinvenção desses saberes garantem a continuidade da brincadeira.

É importante ressaltar que os atores-manipuladores frequentemente são indivíduos que conciliam essa prática com suas atividades cotidianas e profissões,

dedicando-se a ela em seu “tempo livre”. Essa manifestação cultural muitas vezes envolve a participação de famílias inteiras, incluindo pais, mães, filhos e outros parentes, que contribuem coletivamente.

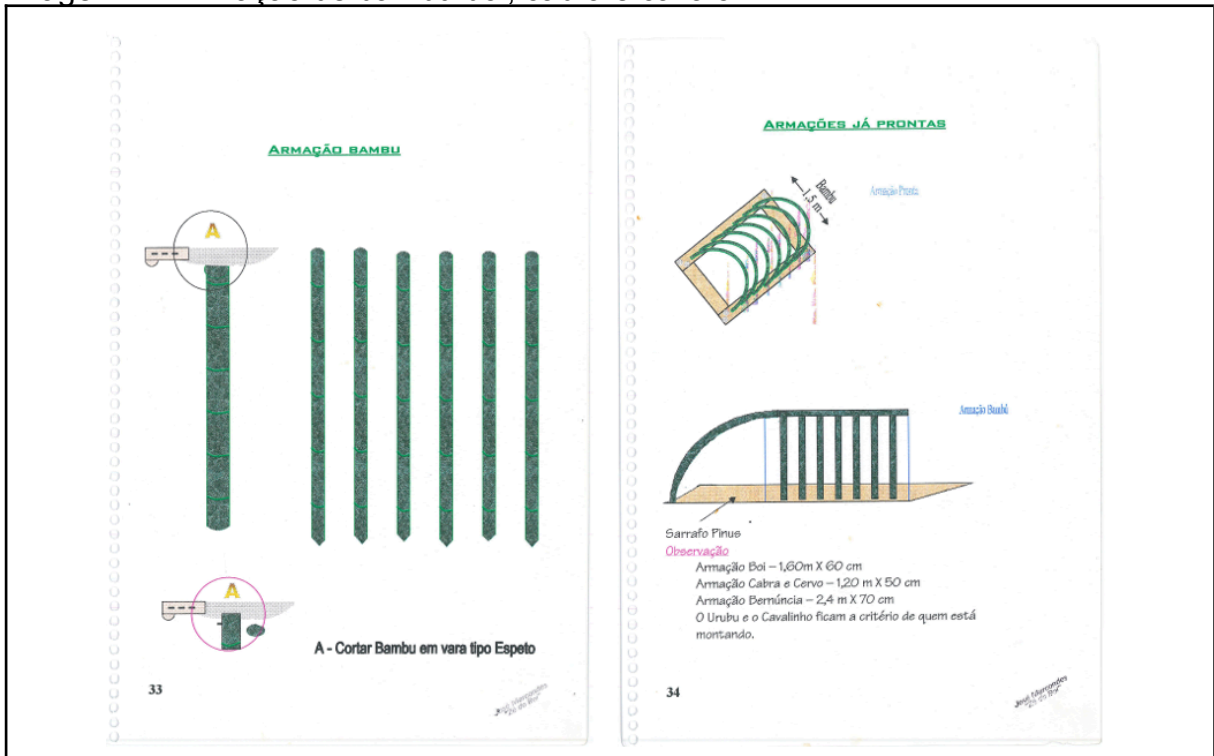
Quando o Boi-de-Mamão da cidade de Tubarão (SC), canta: *E quando a lua vier, eu vou virar* denota claramente a compreensão de que ocorre essa transformação. Depois da jornada de trabalho, de noite, quando tem brincadeira de Boi, esse homem se transforma em outro, assumindo a função de ator-dançarino que anima bonecos- máscaras. Seu trabalho consiste em dançar escondido sob um boneco- máscara, incorporando uma personagem que ele deve animar revelando a conduta, o modo de ser dessa figura (Beltrame, 2006 p. 11).

Assim, evidencia-se que o Boi de Mamão transcende sua dimensão performática, configurando-se como um espaço de convivência, transmissão cultural e fortalecimento dos laços familiares e comunitários.

A animação de bonecos exige o domínio de suas possibilidades expressivas por meio da utilização de gestos, movimentos e recursos técnicos que definem o comportamento e a identidade dos personagens. As técnicas de animação variam, levando em consideração aspectos como forma, tamanho, material e peso.

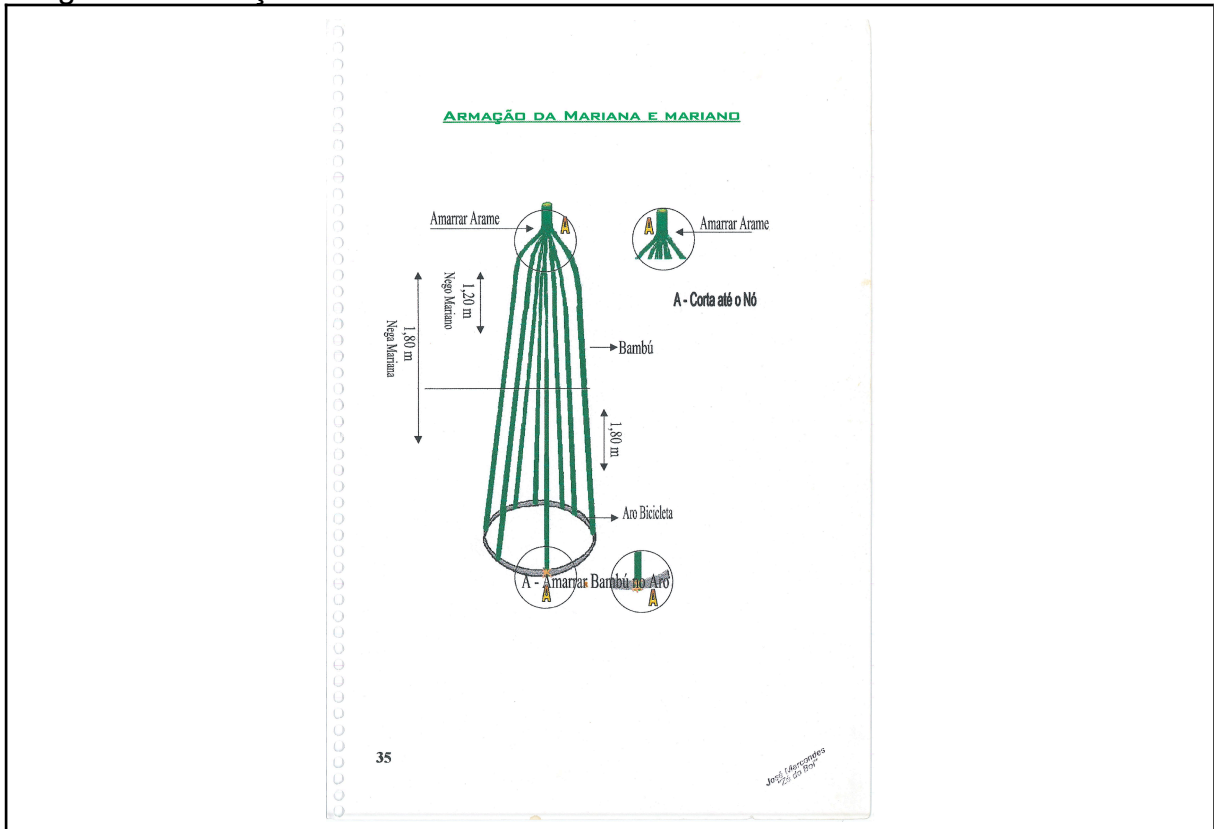
No Boi de Mamão, os bonecos apresentam, em sua maioria, uma estrutura de grandes proporções, para que o brincante possa posicionar-se no interior dele e, por meio de sua força corporal, realizar a manipulação. Por essa razão, a escolha adequada dos materiais utilizados em sua construção é fundamental, de modo a garantir que a estrutura não se torne excessivamente pesada e permita maior liberdade de ação ao ator-manipulador. Tradicionalmente, as armações dos personagens, como o boi, a cabra e o cavalo e a Maricota, são confeccionadas em madeira de bambu, material amplamente utilizado devido à sua leveza, resistência e fácil envergadura. Contudo, essa escolha não constitui uma regra fixa, uma vez que, ao longo do tempo, diferentes grupos passaram a incorporar novas técnicas construtivas e materiais diversos, adaptando-se a novas possibilidades e suas necessidades específicas. Na sequência apresento alguns croquis que evidenciam a construção de alguns dos principais personagens do folguedo, como o boi, cabrinha, cavalinho e a Maricota.

Imagem 1 - Armação de bambu boi, cabra e cavalo



Fonte: Marcondes p. 33 e 34

Imagem 2 - Armação bambu Maricota



Fonte: Marcondes p. 35

No caso da Bernunça, sua estrutura apresenta particularidades em relação aos demais personagens. Trata-se de uma figura de grandes dimensões que demanda a construção de uma cabeça alongada, geralmente com traços que remetem a uma serpente, projetada para que o manipulador possa posicionar-se em seu interior e controlar os movimentos de abrir e fechar da boca. Além da cabeça, a Bernunça possui um corpo extenso, confeccionado com tecidos amplos, sob os quais outros atores-manipuladores posicionam-se em sequência, movimentando-a em formato semelhante a um trenzinho.

Dependendo do grupo que realiza a brincadeira, outros personagens podem compor a encenação. Nesses casos, o ator-manipulador geralmente veste-se sob uma estrutura que representa diferentes animais, como macaco, urso ou urubu, animando-os por meio de sua performance corporal. Há ainda personagens cuja caracterização não se dá por meio de bonecos, mas por vestimentas específicas que remetem à identidade que representam, como é o caso da benzedeira, do médico, do vaqueiro, entre outros, cuja atuação é marcada pelo uso de figurinos e elementos simbólicos próprios.

4 O BOI DA RUA

O Boi de Mamão, também pode ser considerado uma manifestação pertencente ao teatro de rua, uma vez que sua principal forma de apresentação ocorre em espaços abertos, muitas vezes ao ar livre. A escolha por locais públicos, como praças, ruas e parques, permite que a tradição do Boi de Mamão alcance um público diversificado, de diferentes idades e classes sociais, contribuindo para a democratização da cultura. Além disso, essa modalidade de apresentação amplia o potencial simbólico do espetáculo, já que o próprio espaço urbano ou rural se torna parte da narrativa, interagindo com a encenação de maneira orgânica. A improvisação e a adaptabilidade também são características fundamentais do teatro de rua, uma vez que os grupos precisam ajustar a performance às condições do ambiente e à interação com o público.

No teatro de rua, o público não é espectador passivo; ele é um participante ativo, que, muitas vezes, interage com os atores e com os personagens. No Boi de Mamão, essa interação é ainda mais pronunciada, pois a apresentação ocorre em locais públicos, sem as barreiras físicas de um palco tradicional. A improvisação, tanto na encenação quanto na resposta ao público, torna-se uma habilidade essencial. Os atores precisam estar preparados para adaptar seus movimentos e falas de acordo com as reações do público e as condições do ambiente, tornando cada apresentação única. O teatro de rua, por sua natureza efêmera e não institucionalizada, permite que o Boi de Mamão se mantenha como uma manifestação de fácil acesso e pluralidade, capaz de conectar diferentes gerações, classes sociais e comunidades. A professora, artista e produtora cultural Angelene Lazzareti, juntamente com o artista Marcos D. Castilhos, afirmam em seu livro *Povo na Rua* (Lazzareti; Castilhos, 2019) que:

A linguagem direta com o espectador na rua é construída a partir de uma proposta de aproximação com as pessoas. Assim, trabalhamos sobre inúmeras improvisações relativas aos acontecimentos do aqui e agora sobre o qual o teatro de rua opera. Na mesma perspectiva, exploramos as formas de utilização do espaço urbano, pensando por nós, também como espaço cênico, no qual emergem o corpo e a cena, em aproximação com o espectador (Lazzareti; Castilhos, 2019, p.52).

Assim, integrando o universo do teatro de rua, o Boi de Mamão transcende a formalidade dos palcos convencionais, promovendo encontros genuínos entre artistas e comunidade. Essa proximidade favorece não apenas a preservação da cultura popular, mas também sua constante reinvenção, garantindo que o folguedo continue vivo.

4.1 O CHAMADOR, OS CANTORES E OS MÚSICOS

No Boi de Mamão, os personagens principais possuem músicas próprias, e cada um entra em cena ao som de sua melodia. O chamador¹⁹, os cantores e os músicos têm papel fundamental na brincadeira, pois é através da música que a apresentação ganha dinamismo e estrutura. A música não apenas dá ritmo, mas também define o enredo, com uma sequência específica de acontecimentos: a música de entrada do boi, a música da “morte” do boi, a música do cavalinho, a música da cabra, a música da Maricota, a música da Bernunça e, finalmente, a música da despedida, na qual todos os animais dançam juntos para se despedir.

Além dessas, há pequenas músicas intercaladas entre as cenas, que servem para criar transições. Vale destacar que cada grupo pode adaptar as letras das músicas conforme sua cultura local, mas é fundamental que essa adaptação não prejudique a essência e o significado original do folguedo. Podemos perceber na citação abaixo o *modus operandi*²⁰ da região catarinense:

Nas microrregiões catarinense, ele apresenta variações na coreografia, nas figuras do auto, nas personagens e na cantoria. Estas variações são derivadas as origens étnicas formadoras do povo da microrregião, e também das atividades econômicas locais (Fernandes, 2008, p.37).

Portanto, as variações desempenham um papel em tornar cada grupo único. Embora compartilhem o mesmo enredo, as adaptações nas músicas, danças e histórias conferem uma identidade própria a cada apresentação, preservando a essência do folguedo e ressaltando as características de cada comunidade. Como podemos perceber nessa versão citada do livro Boi de Mamão de inclusão (Mattos; Mattos Neto, 2016).

¹⁹Chamador, no boi de mamão é o que conduz a história, organiza as entradas dos personagens e interage com o público.

²⁰*Modus operandi* é uma expressão em latim que significa “modo de operação”, na tradução.

Nosso boi morreu
O que será de mim
Manda buscar outro, maninha
Lá no Piauí (Mattos; Mattos Neto, 2016, p.6).

E essa outra versão encontrada no livro O Boi de Mamão Folgado folclórico da ILHA DE SANTA CATARINA introdução ao seu estudo (Pereira, 2010)

Morreu, morreu, que será de nós,
Vamos buscar outro, ó maninha,
Lá em Niterói (Pereira, 2010, p.153).

Como podemos observar, a essência e a melodia da música geralmente permanecem inalteradas, mas adaptações são feitas por diversos grupos de Boi de Mamão em Santa Catarina, enriquecendo a tradição com suas particularidades.

5 O NASCIMENTO DO BOI DOURADO

Nesta seção, apresento a experiência de construção do grupo de Boi de Mamão da APAE de Içara. É importante ressaltar que essa instituição tem demonstrado um compromisso profundo com a arte valorizando-a como um elemento central na formação cultural e social dos alunos que ali frequentam.

Diante do grande interesse que tenho, junto com Jéssica e Vic pelo folguedo tradicional do Boi de Mamão, surgiu, em 2024, a ideia de formar um grupo específico da APAE voltado a essa manifestação da cultura popular. A iniciativa nasceu de nossas vontades compartilhadas de evidenciar e valorizar essa cultura popular, ao mesmo tempo em que buscávamos proporcionar uma experiência artística significativa para os alunos da instituição.

Com esse intuito, nos meses de Abril e Maio de 2024, participamos de uma oficina formativa sobre o Boi de Mamão, ministrada pelo Grupo Cultura Mamoeira²¹, com a colaboração dos artistas José Marcondes²² e Marcelo Ciepielewski²³, uma parceria com o Arte na Escola²⁴ Polo Unesc. A formação contou com quatro encontros realizados em dois espaços: a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e a Fundação Cultural de Criciúma Jorge Zanatta. A oficina abordou aspectos teóricos e práticos, como a história do Boi de Mamão, a confecção dos personagens, o aprendizado das músicas tradicionais e a experimentação de personagens e instrumentos.

Naquele momento, apesar da motivação e do engajamento, tínhamos apenas um sonho, ainda distante, de ver o grupo de Boi de Mamão da APAE de Içara se tornar realidade. Isso porque sabíamos que sua concretização exigiria investimentos financeiros, algo que, na época, ainda não estava ao nosso alcance. Contudo, essa formação inicial foi decisiva para consolidar a ideia e dar os primeiros passos em direção à construção do nosso tão sonhado grupo de Boi de Mamão, sem essa experiência, a implementação do grupo teria sido muito mais desafiadora. A oficina resultou em um cortejo festivo pelas ruas da cidade de Criciúma - SC²⁵.

²¹Grupo Cultura Mamoeira, é um grupo de Boi de Mamão da cidade de Criciúma, que atua desde 2020.

²²José Marcondes, conhecido como Zé do Boi natural de Tubarão SC, mestre da cultura popular catarinense, reconhecido por sua dedicação à preservação e promoção do Boi de Mamão.

²³Marcelo Ciepielewski professor, ator e artista bonequeiro.

²⁴É um projeto de extensão na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

²⁵Santa Catarina

Imagem 3 - Encerramento da Oficina de pesquisa em Boi de Mamão



Fonte: Antonio Rozeng. (2024).

A partir do fortalecimento dessa proposta em nosso imaginário coletivo, surgiu a oportunidade de inscrever a APAE de Içara em um projeto cultural por meio da Lei Aldir Blanc²⁶. Pouco tempo após a realização da oficina, o edital foi lançado, e então decidimos transformar nosso sonho em um projeto formal.

Com o resultado final, tivemos a grata surpresa que a proposta da APAE de Içara foi aprovada, foi um momento de grande emoção ao sabermos que, finalmente, o nosso sonho sairia do papel e se tornaria realidade.

Após a aprovação do projeto, nosso próximo passo foi reunir os alunos²⁷ que fariam parte do elenco do Grupo de Boi de Mamão para lhes dar a grande notícia. Por já trabalhar há muitos anos na instituição e conhecer bem as habilidades artísticas de cada um, havíamos feito uma pré-seleção. Quando nos reunimos para comunicar a novidade, todos ficaram muito felizes ao saber que se tratava de uma

²⁶PNAB (LEI Nº 14.399/2022) uma iniciativa federal de fomento à cultura realizada em parceria com os municípios.

²⁷Elenco: José Volnei Pereira, Hercílio Hermínio, Geison da Silva, Marcia Olívio Guesse, Natália Silveira, Roseli Borges, Marianne Paes, Fernanda Silveira, Jhully Maria Gonçalves, Célia Dalpont, Igor Fernandes, Victor Zata, Everton Carlos Tauchert, Nicolý da Silva, Mariza Marli Silvestre, Diego Cardoso, Everaldo Fernandes.

apresentação artística. No entanto, poucos compreendiam o que era o Boi de Mamão e como ele funcionava, a partir desse momento, tornou-se necessário aproximar os alunos dessa manifestação da cultura popular. Como uma das iniciativas, em Agosto de 2024, recebemos o Grupo Cultura Mamoeira, para uma vivência com os personagens, foi um dia crucial para o interesse e o entendimento mais profundo dos alunos.

Imagem 4 - Oficina com o Grupo Cultura Mamoeira



Fonte: Acervo pessoal, (2024).

Também parte do processo criativo e investigativo sobre o Boi de Mamão, nossos alunos tiveram a oportunidade de visitar o Beco do Beijo, Casa de Cultura do Boi de Mamão, localizado na cidade de Tubarão. O espaço é mantido por Zé do Boi, que nos recebeu com grande hospitalidade. Durante a visita, os estudantes puderam conhecer de perto o acervo da casa, composto por figurinos, instrumentos e personagens que integram o folguedo. Zé do Boi compartilhou sua trajetória com o Boi de Mamão, apresentando relatos e objetos que revelam a riqueza histórica e simbólica dessa manifestação cultural. Os alunos também tiveram a experiência de manusear e vivenciar alguns dos personagens disponíveis no local, ampliando sua compreensão prática e sensível sobre o universo do Boi.

Participar de momentos como esse foi fundamental para fortalecer o sentimento de pertencimento cultural entre os alunos, pois experimentar, conviver e ver de forma direta torna o processo mais compreensível, significativo e concreto. Para reforçar a importância de experiências significativas na aprendizagem de pessoas com deficiência, destaca-se que:

[...] é possível desenvolver habilidades de observação, para a organização dos pensamentos e trocas, uma vez que o aprendizado acontece quando existe significado, entre os estímulos e as vivências do estudante. A grande maioria das crianças com deficiência são conduzidas e presas a uma forma rígida de sistematização e registros. Por isso a possibilidade de encantar crianças e jovens com deficiência permite que suas experiências pedagógicas e socioemocionais sejam vividas pelo coração, pela alma e não por uma experiência fria, mecânica e desinteressante²⁸

Imagem 5 - Casa do Boi de Mamão - Tubarão SC



Fonte: Acervo pessoal, (2024).

Dessa forma, proporcionar vivências que despertam emoções, sentidos e conexões reais com a cultura amplia as possibilidades de aprendizagem, permitindo que a pessoa com deficiência se reconheça como parte ativa e criadora nesse processo.

E também como forma de promover o envolvimento e o protagonismo dos alunos, Marianne, que no folgado assumiria os papéis da médica e também integraria o corpo da Bernunça, foi responsável por criar a arte visual que deu identidade ao nosso Boi.

²⁸ Disponível em: diversa.org.br. Acesso em: 10 de mai. 2025.

Imagem 6 - Desenho da aluna Marianne Paes



Fonte: Acervo pessoal, (2024).

Assim, decidimos que as cores do nosso boi seriam essas, e ele estaria estampado em nosso estandarte, um objeto essencial utilizado no folguedo que no qual foi costurado pela aluna Márcia, que também se tornaria uma das nossas cantoras. Optamos, desde o início, por um processo colaborativo que garantisse o protagonismo dos alunos na construção do Boi de Mamão.

Imagem 7 - Estandarte



Fonte: Acervo pessoal, (2025).

5.1 ESTRUTURAS

Como eu, Jéssica e Vic já havíamos participado da oficina de construção dos personagens do Boi de Mamão, mencionada anteriormente, sabíamos exatamente por onde começar. A princípio, aquela seria a base para testarmos se conseguiríamos colocar em prática todo o aprendizado adquirido. Nosso primeiro passo foi buscar o material necessário para a estrutura dos personagens: o Boi, a Cabra, o Cavalinho e a Maricota. Para os três primeiros, precisaríamos de bambus e ripas de madeira; para a Maricota, bambu e um aro de bicicleta.

Os bambus foram obtidos na casa de minha mãe, Angelina Frello, que mora em uma área rural de Içara. As ripas de madeira conseguimos de forma gratuita em uma madeireira local, e o aro da bicicleta, também sem custo, foi gentilmente cedido por uma bicicletaria da cidade.

Um dos primeiros processos consistiu em cortar em tiras e envolver todo o bambu com fita crepe, para evitar que as farpas causassem ferimentos. Neste trabalho, os alunos puderam ajudar ativamente, enquanto as etapas que envolviam o uso de martelo e pregos ficaram sob responsabilidade das professoras.

Admito que não foi uma tarefa fácil martelar e envergar os bambus sem que eles se quebrassem. Durante o processo, alguns bambus acabaram quebrando e muitos pregos se entortaram, mas não desistimos. O Boi foi o nosso primeiro projeto de estrutura; em seguida, realizamos a construção da Cabra e, por fim, do Cavalinho.

Toda essa etapa foi realizada durante as aulas de arte, envolvendo as turmas mais engajadas no projeto, para que todos pudessem acompanhar o processo de perto e também colaborar na construção.

Durante essas atividades, nos deslocamos com os alunos para uma área externa da escola, já que o trabalho exigia mais espaço e produzia bastante barulho devido às marteladas.

Imagem 8 - Atividades com os alunos na área externa da escola



Fonte: Acervo pessoal, (2024).

Toda a estrutura foi reforçada com tiras de tecido, amarradas e entrelaçadas entre as madeiras. Para aprimorar o acabamento, forramos toda a armação com plástico e, por cima, aplicamos uma camada de feltro de lã, conferindo uma textura mais macia.

E após algumas semanas de trabalho, tínhamos prontas as três estruturas: o Boi, o Cavalinho e a Cabra.

Confesso que toda essa etapa de construção dos personagens me fascina. Poder realizar esse processo envolvendo os alunos é fundamental, participar ativamente de todas as fases, desde o início até a apresentação, faz com que eles incorporem melhor seus personagens, criem uma relação mais íntima com a cultura popular e compreendam com mais clareza o significado do Boi de Mamão e sua importância para a nossa região. Além disso, o aluno não deve ser apenas um participante passivo, mas sim um agente ativo no processo, o que fortalece seu senso de pertencimento e engajamento com o projeto. De acordo com a revista *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*:

A arte, por sua vez, também deve ser inclusiva em todos os aspectos, e, como tal, contribuir para que os artistas com deficiência possam compartilhar suas vozes, talento e experiências, desafiando entraves e mudando conceitos longitudinalmente (Pereira *et al.*, 2024, p.12).

Logo, proporcionar aos artistas DEF o direito de participar de todas as etapas do processo criativo não é apenas uma questão de inclusão, mas uma valorização real de suas capacidades.

5.2 A MARICOTA

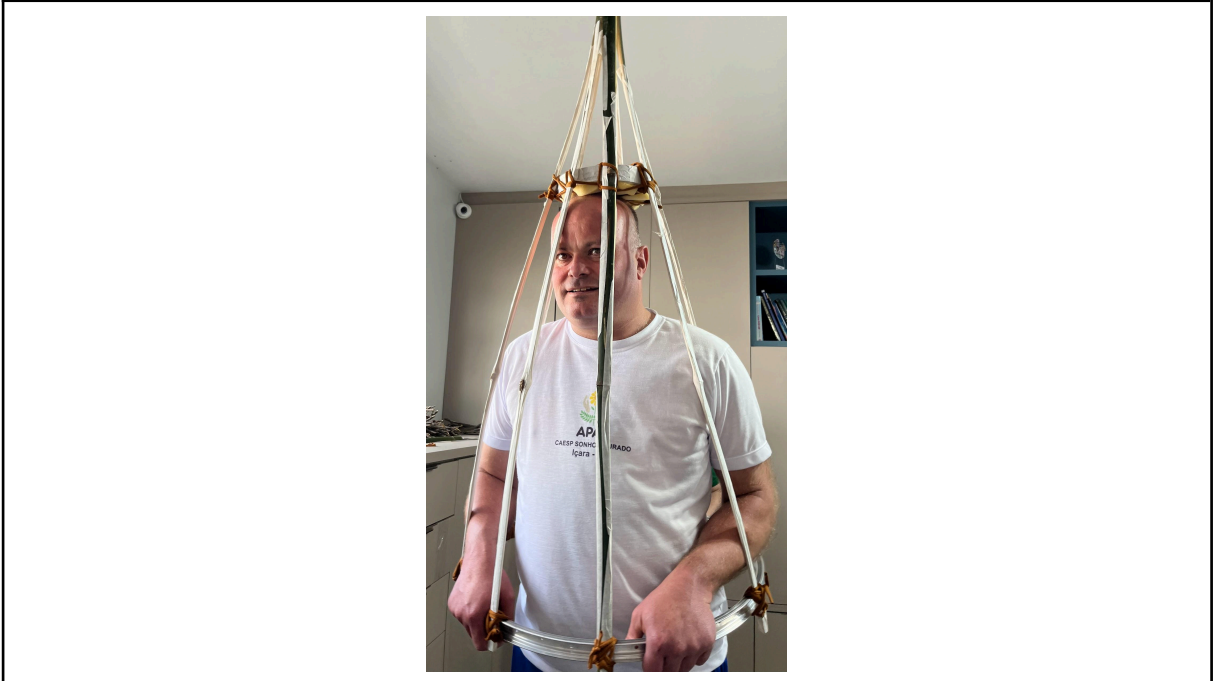
Montar a personagem Maricota representou para nós um grande desafio. Com base no curso prático previamente realizado, conseguimos construir a estrutura da personagem. Cabe destacar que o aluno que assumiria o papel da Maricota participou ativamente de todo o processo de criação. Ele já possuía familiaridade com o Boi de Mamão e, anos atrás, havia interpretado essa mesma personagem na escola. Inclusive, foi o próprio aluno Hercílio, quem expressou o desejo de novamente ocupar esse papel. Sua participação foi fundamental, pois constantemente trazia sugestões e indicava suas preferências quanto às características físicas e aos detalhes que gostaria de ver representados na personagem.

Para a confecção do vestido da Maricota, contamos com o trabalho da costureira Evelin Mariano²⁹. Essa peça exigiu um cuidado especial, sobretudo na escolha do tecido: a chita³⁰, elemento tradicionalmente marcante nos figurinos do folguedo. A vestimenta precisava transmitir a exuberância e a presença impactante da personagem, que é representada de forma imponente e alegre nas apresentações do Boi de Mamão.

²⁹ Costureira da região, especialista na costura do Boi de Mamão.

³⁰ tecido de algodão estampado com cores vibrantes e florais, popular no Boi de Mamão.

Imagem 9 - Hercílio e a estrutura da Maricota



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 10 - Corpo da Maricota



Fonte: Acervo pessoal (2024).

5.3 CONSTRUÇÃO DAS CABEÇAS DOS PERSONAGENS

Paralelamente, a confecção das cabeças dos personagens representava uma etapa crucial dentro do projeto. Para essa tarefa, contamos com a colaboração do bonequeiro Marcelo, que foi responsável pela construção das cabeças do Boi, da Cabra, do Cavalinho, da Maricota e da Bernunça. As quatro primeiras foram esculpidas a partir de espuma, material que permitiu dar forma e leveza às estruturas. Desde o início, tínhamos o desejo de que os personagens tivessem um aspecto visual mais próximo ao de figuras animadas, evitando características hiper-realistas que pudessem gerar medo no público.

As cabeças do Boi, da Cabra e do Cavalinho foram revestidas com tecidos cuidadosamente escolhidos e previamente adquiridos para cada personagem. Após essa etapa, finalizamos os detalhes expressivos, adicionando olhos, narizes, sobrancelhas e outros elementos faciais, garantindo personalidade e vivacidade a cada figura.

Imagem 11 - Cabeça do Boi e da Cabra



Fonte: Acervo pessoal (2024).

A construção da cabeça da Maricota exigiu uma pesquisa mais aprofundada e detalhada. Marcelo esculpiu a face humana em espuma, mas, diferentemente dos outros personagens, já havíamos decidido previamente que ela não seria revestida com tecido. Isso porque, no caso específico dessa figura, buscamos um acabamento mais realista. Após levantarmos referências e estudarmos possíveis técnicas,

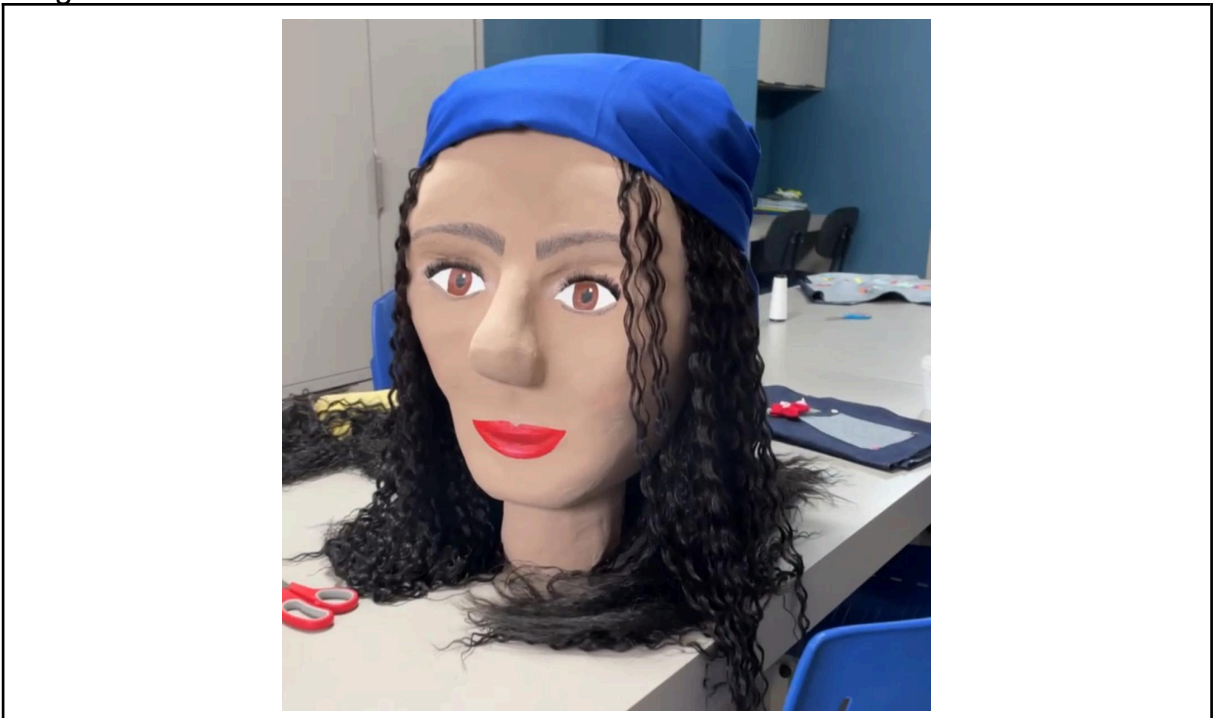
optamos por aplicar o processo de papietagem em toda a estrutura do rosto, realizando três camadas no total.

Imagem 12 - Artista Bonequeiro Marcelo e a cabeça da Maricota



Fonte: Acervo pessoal, (2024).

Imagem 13 - Maricota



Fonte: Acervo pessoal, (2024).

A construção da cabeça da Bernunça representou um desafio para nós, uma vez que ela precisava atender a requisitos específicos: ser de grandes dimensões, permitir a abertura e o fechamento da boca por meio do manuseio do ator-manipulador e, ainda, possibilitar que, em determinados momentos, uma pessoa pequena pudesse entrar em sua boca. Esse detalhe é fundamental, pois nas brincadeiras do Boi de Mamão é recorrente que a Bernunça “engula” pessoas, conforme expressa o próprio refrão popular da personagem:

Olê, olê, olê, olê, olá, arreda do caminho, que a bernunça quer passar (2x)

A bernunça é um bicho brabo, já engoliu mané joão,
come pão, come bolacha come tudo que lhe dão

O senhor dono da casa, venha na porta da frente, venha ver a brincadeira do bicho
que engole gente,

Bernunça que dança bem, então preste atenção,
dá uma olhada em tua volta, e engole essa multidão

Olê, olê, olê, olê, olá, arreda do caminho, que a bernunça quer passar (2x)

(Mattos; Mattos Neto, 2016, p.16).

Para atender a essas demandas técnicas, contamos novamente com o trabalho de Marcelo, que nos forneceu uma estrutura confeccionada em canos de PVC³¹ e equipada com dobradiças para viabilizar o movimento da boca.

Imagem 14 - Ensaio com a Bernunça



Fonte: Acervo pessoal, (2025).

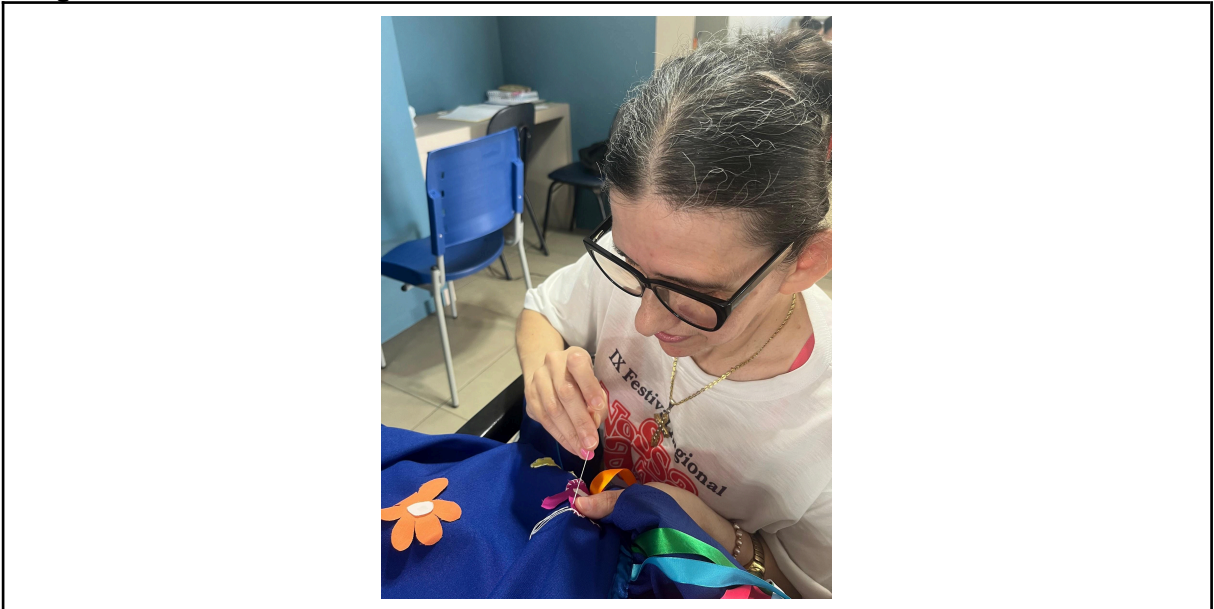
³¹Policloreto de Vinila, um tipo de plástico muito utilizado em tubulações, revestimentos, brinquedos, etc.

5.4 CORPOS EM CONSTRUÇÃO

Assim como na Bernunça, Evelin também foi responsável por costurar e revestir os corpos do Boi, da Cabra e do Cavalinho. Utilizando as cores e os tecidos previamente escolhidos e adquiridos para cada personagem, ela confeccionou cuidadosamente, garantindo que cada figura ganhasse forma e identidade visual.

A aplicação dos acabamentos como: as flores e manchas da Cabra ficou sob a responsabilidade e colaboração das professoras e dos alunos.

Imagem 15 - Aluna Márcia costurando as flores no Boi



Fonte: Acervo pessoal, (2024).

Imagem 16 - Corpos do Cavalinho, do Boi e da Cabra



Fonte: Acervo pessoal (2024).

5.5 ENSAIOS

Como parte essencial do processo, era fundamental que os ensaios tivessem início o mais cedo possível. Colocar o corpo em movimento, ouvir as músicas, dançar, brincar, cantar e tocar constituía uma etapa primordial, pois, por meio dessas vivências, os alunos se aproximavam da cultura do Boi de Mamão, fortalecendo o sentimento de pertencimento. A experimentação prática e sensorial era indispensável para tornar o processo mais significativo para o elenco que faria parte do grupo de Boi de Mamão da APAE. Para isso, foram realizados ensaios com a banda, na qual os alunos tocavam instrumentos e cantavam ao vivo.

Essa escolha reforçou o protagonismo dos alunos, ao colocá-lo em posição de destaque não apenas como participante, mas como agente ativo da cena. O mesmo princípio foi aplicado aos que integravam a parte teatral do folguedo, em que todos os personagens foram protagonizados e manipulados por pessoas com deficiência, reafirmando a proposta de uma construção artística participativa.

Imagem 17 - Ensaios



Fonte: Acervo pessoal, (2024).

Ao falar sobre os ensaios, é essencial destacar o papel das adaptações musicais. Como já abordado anteriormente, essas adaptações são fundamentais para dar identidade própria ao Boi de Mamão de cada grupo. No nosso processo, as músicas também passaram por pequenas modificações, feitas com o intuito de aproximar ainda mais o folguedo da realidade da nossa escola e da cultura local. A exemplo da música de entrada:

Vamos moreninha
 Vamos até lá
 Vamos na APAE de Içara
 Para ver meu boi dançar³² (Souza João, 2024).

É possível observar que nessa versão incluímos a nossa escola e a nossa cidade reforçando a identidade local e aproximando os alunos do contexto cultural apresentado.

Apesar dessas alterações, a base das canções como a melodia e estrutura tradicional foram preservadas, de modo a respeitar e manter viva a herança cultural do Boi de Mamão. As adaptações aconteceram nas letras, com trechos que faziam referência à nossa cidade e a APAE de Içara. Além disso, é possível criar personagens inéditos, desde que eles estejam em harmonia com a narrativa e não descaracterizem sua estrutura. Em nosso folguedo criamos o personagem **Apicultor**, inspirado na realidade de nossa região, de acordo com a Lei que reconhece Içara como a Capital Catarinense do Mel, Lei nº 16.913, de 29 de abril de 2016³³. A inclusão desse personagem não só fortaleceu o vínculo com o território, mas também deu espaço para que a cultura local se manifestasse dentro do enredo tradicional do Boi. Assim como a criação do personagem Apicultor, uma música original também foi composta especialmente para ele. Vic adaptou uma nova letra utilizando a melodia da música da personagem Bernunça, mantendo, assim, a fluência melódica característica do folguedo. Segue abaixo a versão adaptada da música dedicada ao personagem Apicultor:

O meu Boi tava cansado, desmaiado o Boi Dourado
 Quando vejo as abelhas lhe ajudando a ser curado
Olê, olê, olê, olê, olá, é só a abelha que faz meu boi levantar (2x)
 Ele é o Boi Dourado, mas seu corpo é de flor
 É por isso que a abelha vem mostrar o seu valor
Olê, olê, olê, olê, olá, é só a abelha que faz meu boi levantar (2x)
 Pode vir todos os bichos, só abelha que o sara
 É que esse Boi Dourado ele vem da APAE de Içara
Olê, olê, olê, olê, olá, é só a abelha que faz meu boi levantar (2x)
 Tá chegando a hora das abelhas irem embora
 O seu apicultor vai levar elas agora
Olê, olê, olê, olê, olá, é só a abelha que faz meu boi levantar (2x)³⁴
 (Souza João, 2024).

³² Adaptação criada pela artista Victória de Souza João.

³³ Disponível em:
<https://leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-16913-2016-santa-catarina-reconhece-como-capital-catarinense-do-mel-o-municipio-de-icara>. Acesso em 12 de mai.2025.

³⁴ Letra criada e adaptada pela artista Victória de Souza João.

Como vimos na letra da música, a abelha também desempenha um papel importante no enredo. Apesar de não estar presente fisicamente na encenação, sua presença é sugerida no imaginário coletivo. Dessa forma, apenas o Apicultor aparece de forma visual e concreta no nosso Boi de Mamão, contudo, a abelha também carrega um significado simbólico tão importante quanto o do próprio Apicultor, enriquecendo a narrativa com sua presença implícita. Nosso personagem inédito, o Apicultor, foi interpretado pela aluna Mariza, que o encenou com alegria e total dedicação.

Imagem 18 - Apicultor



Fonte: Antonio Rozeng, (2025).

5.6 FIGURINO

O figurino foi idealizado e construído em conjunto com os alunos, foram confeccionadas camisetas com a logo do nosso Boi de Mamão, (arte criada pela aluna Marianne) que serviram como identidade visual para o grupo. Além disso, coletes foram customizados individualmente pelos alunos, conferindo personalidade e expressão a cada figurino.

Para os alunos que não utilizam as máscaras dos personagens, os figurinos foram pensados com atenção aos detalhes, respeitando a individualidade e o papel de cada um no folguedo. A aluna Célia, por exemplo, se caracteriza como uma

benzedeira, com um xale de franjas e lenço na cabeça. Já a vaqueira Roseli e o vaqueiro Volnei possuem trajes próprios que valorizam suas funções na narrativa. O Cavaleiro Everton, apesar de usar a máscara do boneco, representa simultaneamente o cavalo e o cavaleiro, por isso seu figurino foi cuidadosamente planejado, incluindo chapéu, camisa xadrez e uma corda que laça o boi.

Assim, os artistas DEF participaram ativamente da criação dos figurinos, uma etapa essencial para que eles se reconhecessem como parte fundamental da encenação, sentindo-se pertencentes ao projeto.

Imagem 19 - Figurinos



Fonte: Acervo pessoal, (2024).

6 O GRANDE DIA

No dia 03 de abril de 2025, aconteceu a grande estreia do nosso Boi de Mamão da APAE de Içara. Após seis meses de intensos ensaios, pesquisas e dedicação à produção, estávamos prontos e ansiosos para finalmente entrar em cena. Nossos artistas DEF, após vivenciarem cada etapa do processo criativo, não apenas compreenderam o que é o Boi de Mamão, mas também incorporaram profundamente o sentido e o valor dessa manifestação cultural tão importante para nossa região.

Naquela tarde de quinta-feira, além dos alunos e funcionários da nossa instituição, recebemos a visita de duas escolas³⁵ do município de Içara e da APAE do Balneário Rincão, além de grupos culturais, artistas e autoridades locais. Na ocasião, para garantir acessibilidade às pessoas surdas ou com baixa audição, contamos com intérprete em LIBRAS³⁶ realizado por Jonathan Costa³⁷ co-fundador da empresa Sinalizando³⁸. Foi uma tarde inesquecível, em que o Boi de Mamão brilhou e com ele, brilharam os artistas DEF, que entraram em cena como protagonistas. Nesse sentido, eles não pedem compaixão, eles pedem acesso, sem limitações impostas, sem visões assistencialistas, apenas a potência artística em cena.

Imagem 20 – Apresentação I



Fonte: Antonio Rozeng, (2025).

³⁵Escolas Municipais de Educação Fundamental Quintino Rizzieri e Tranquillo Pissetti.

³⁶Língua Brasileira de Sinais.

³⁷Professor e intérprete de LIBRAS atuante da região.

³⁸Empresa de Criciúma atuante com interpretação em LIBRAS.

Imagem 21 - Apresentação II



Fonte: Antonio Rozeng, (2025).

A estreia foi um sucesso. E assim, o Boi de Mamão da APAE de Içara segue vivo, pulsante e pronto para continuar encantando a todos com sua beleza, força e representatividade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre os processos vivenciados compreendo que a arte é presença fundamental no desenvolvimento das pessoas com deficiência, assumindo um papel protagonista no processo educacional, especialmente porque muitos dos alunos atendidos pelas APAEs não são alfabetizados, a arte, então, se torna um caminho potente para comunicação, expressão e aprendizagem. Como professora-artista na APAE, busco trabalhar com o artista DEF, reconhecendo e valorizando sua potência criativa.

No processo de criação do Boi de Mamão, nosso foco foi justamente fortalecer a autonomia criativa da pessoa com deficiência, assegurando sua participação ativa em todas as etapas do projeto.

“Nada sobre nós, sem nós”, ou seja eles estavam presentes desde o surgimento das ideias até a criação, os ensaios e as decisões artísticas. Aqui, mais do que atores, músicos e cantores, eles se tornaram agentes criadores.

A expressão **“Nada sobre nós, sem nós”** tornou-se um dos principais lemas dos movimentos de pessoas com deficiência. Utilizada como reivindicação de protagonismo, a frase afirma que nenhuma decisão, ação ou política pública que afete esse grupo deve ser tomada sem sua participação ativa e direta. Resgatada de movimentos políticos históricos da Europa Central, foi resignificada por ativistas que lutam pelo reconhecimento das pessoas com deficiência como sujeitos de direito. Na ocasião, o Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, no dia 3 de dezembro de 2004, assim se posicionou:

Por muitos anos, as pessoas com deficiência foram vistas como ‘objetos’ de políticas de bem-estar social. Hoje, como resultado de uma dramática mudança de perspectiva que ocorreu nas duas últimas décadas, as pessoas com deficiência começaram a ser vistas como pessoas que precisam desfrutar o espectro completo de direitos civis, políticos, sociais, culturais e econômicos. O lema do movimento internacional de pessoas com deficiência, ‘Nada Sobre Nós, Sem Nós’, resume essa mudança. (Sasaki, 2007, p. 5).

A expressão é também uma convocação ética para que práticas pedagógicas e artísticas sejam construídas em diálogo e com a participação efetiva das pessoas diretamente envolvidas.

Nesse sentido, a nossa proposta é que o público os reconheça como artistas e ponto, rompendo com o olhar limitado da compaixão ou da caridade. O que buscamos é a transformação do olhar, que se veja, o artista pleno, potente e presente. No livro *O Artista com Deficiência no Brasil*, a autora realiza diversas entrevistas com companhias e artistas DEF, assim como com pessoas sem deficiência que desenvolvem trabalhos artísticos em conjunto (Somera, 2019). Em uma das entrevistas, a autora conversa com o diretor³⁹ da Cia. de Arte Intrusa⁴⁰, que afirma:

Eu não queria falar de inclusão social, eu não queria falar de deficiência em si. Eu queria convocar um grupo de atores, com ou sem deficiência, que discursasse contra a coisa inclusivista, no sentido mais negativo da palavra. 'Vamos incluir, vamos dar uma chance, eles são capazes...' - Nada disso! Vamos fazer uma companhia, um grupo de teatro que envolva os metidos. Aqueles que [dizem]: Nós fazemos! (Somera, 2019, p.135).

A arte DEF deve ser compreendida não como um ato de inclusão simbólica, mas como uma prática política que afirma a potência criadora desses sujeitos e desafia paradigmas tradicionais da arte, capaz de produzir conhecimento no fazer artístico contemporâneo. A artista DEF e pesquisadora Ana Carolina Bezerra Teixeira destaca:

O discurso da inclusão ocupou as mais diferentes áreas humanas, e no que se refere às artes, ainda encontra dificuldades na proposição de conhecimentos menos superficiais que retratem de forma coerente a realidade destes corpos. Nessa linha de raciocínio, questiono se a adoção do termo inclusivo nas artes, não corrobora na própria história, reais vestígios da exclusão social escamoteada por um imaginável ideário de igualdade (Teixeira, 2010, p.2).

A crítica de Teixeira evidencia que, nas artes, a presença da pessoa com deficiência ainda reforça estereótipos, enquadrando o artista como símbolo de superação, e não como sujeito criador. O desafio é garantir que esses corpos ocupem o centro das criações, exercendo protagonismo real nos processos estéticos e decisivos.

A pessoa com deficiência tem o direito não apenas de consumir arte, mas também de ser **o artista**. Mais do que um receptor passivo, ele deve ser reconhecido como protagonista nos processos criativos. No contexto da educação artística, é essencial que o educador não assuma uma postura autoritária,

³⁹No livro *O Artista com Deficiência no Brasil* os nomes dos entrevistados não são divulgados.

⁴⁰A Cia de Arte Intrusa foi criada em fins do ano de 2005 em Campinas, SP, com participação de atores que tivessem dificuldades ou disfunções motoras, sensoriais, mentais e/ou cognitivas.

determinando o que deve ou não ser feito, mas que atue como mediador, proporcionando espaços para que a pessoa com deficiência tenha participação ativa. Quando a criação é coletiva, o resultado torna-se significativo.

A experiência vivida no projeto do Boi de Mamão da APAE de Içara exemplifica essa abordagem. Desde o início, nós professoras estamos comprometidas em construir o processo junto aos alunos. Esse acompanhamento das etapas gerou um vínculo afetivo com o processo criativo. O aluno Diego, por exemplo, que é tímido, se revelou ao interpretar o personagem principal, o Boi. A “máscara” possibilitou que ele se transformasse em cena com potência e isso se repetiu entre outros integrantes do elenco, em um processo marcado por pertencimento e empoderamento.

Além do resultado cênico, o impacto foi perceptível com o público, quem assistia às apresentações podia sentir a verdade daquela encenação, o Boi de Mamão, sendo uma brincadeira festiva, permitiu leveza, espontaneidade e alegria genuína.

É importante destacar que, em escolas regulares, formar um grupo artístico é desafiador, pois os alunos são passageiros, já nas APAEs, especialmente com os alunos adultos, há um vínculo mais longo, muitos deles estão na instituição desde a infância e permanecem até a terceira idade. Um dos integrantes da Associação Brasileira de Deficientes Visuais (ABDV) em entrevista com a autora Nicole Somera (2019), relatou que:

Na escola, nunca fui interessado em trabalhar com arte, não. Então, eu vim, realmente, descobrir isso depois da perda da visão. Lá na escola especial. Então dali adveio. Nós tínhamos uma matéria que tinha que ir na sala de barro, como é conhecida lá. Aí que ele foi se descobrindo. Devagarzinho, faz uma peça aqui, uma peça. E, de repente, a gente começou a fazer peças gigantes (Somera, 2019, p.174).

A autora ainda afirma que:

[...] o Ensino Especial tem um papel bastante importante, embora ainda não proporcionando um grande número de experiências artísticas de qualidade, na constituição cultural do sujeito. Esse ambiente ainda parece conceder a seus frequentadores maiores possibilidade de aproveitamento nas atividades culturais/artísticas ali oferecidas, pelo atendimento especializado que é dado e este público neste local (Somera, 2019, p.175).

Ao ouvir os relatos de meus alunos sobre apresentações passadas e os educadores que por ali passaram, percebo que essa construção artística não é recente, ela está sendo cultivada há anos. No entanto, ainda é necessário ampliar os espaços de visibilidade para os artistas DEF, que muitas vezes permanecem restritos ao ambiente institucional. É necessário que eles estejam nas ruas, nos palcos, nos editais e nos festivais, não como objeto de assistencialismo ou caridade, mas como sujeitos de direito e de criação.

A inclusão verdadeira exige sensibilidade, responsabilidade e conhecimento técnico. Não basta “colocar” uma pessoa com deficiência em cena e esperar que o público aplaude apenas por empatia, o diretor da Cia. de arte Intrusa em entrevista com a autora Nicole Somera (2019), relata que:

Eu acho que a inclusão social, no melhor sentido possível, ela vem naturalmente, ela é uma consequência. Mas não é o princípio do projeto. Então, se deu essa vontade de trabalhar por uma questão estética, artística. Profissional, mesmo (Somera, 2019, p.135).

Nesse sentido, se faz necessário garantir qualidade e respeitar as singularidades, evitando a exposição ao ridículo ou a produção de algo apenas “bonitinho”. O trabalho com o Boi de Mamão se mostrou extremamente adequado nesse contexto, pois é um folguedo que reúne múltiplas linguagens e dessa forma, cada aluno pôde encontrar seu lugar, o que gosta e o que sabe fazer, seja tocando, cantando, manipulando bonecos ou interpretando personagens.

O Boi de Mamão mostrou-se um espaço democrático de criação artística, no qual os alunos da instituição exerceram protagonismo efetivo ao longo de todo o processo. Para um público marcado pela expressividade e alegria, essa manifestação popular revelou-se poderosa para o desenvolvimento das potencialidades individuais, o fortalecimento das relações sociais e a valorização da cultura como elemento transformador.

Hoje, podemos afirmar que a APAE de Içara conta oficialmente com o seu próprio grupo de Boi de Mamão. **Viva o Boi de Mamão, viva a cultura popular e a potência do artista DEF.**

8 REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Maria Amaral. **Teatro de formas animadas; máscaras, bonecos, objetos**. 3 ed. São Paulo, 1996.

BELTRAME, Regina Beltrame. **Boi de Mamão: jogo, festa e espetáculo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

BRASIL. Santa Catarina. **Lei Ordinária Nº 16913, de 29 de abril de 2016**. Reconhece como capital catarinense do mel o município de Içara. Florianópolis, 04 mai., 2016. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-16913-2016-santa-catarina-reconhece-como-capital-catarinense-do-mel-o-municipio-de-icara>

DIVERSA. Disponível em: <https://diversa.org.br>. Acesso em: 10 maio 2025.

FERNANDES, Elza de Mello. **Raízes do Saber Popular: os Ritos, os Mitos e o Folclore**. Içara, 2008.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, José Cerchi. **Educação através da arte**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

JOÃO, Victória de Souza. **Criação e adaptação das músicas para o Boi de Mamão da APAE de Içara**. Içara, 2024. Documento não publicado, elaborado no contexto do projeto artístico da APAE de Içara.

LAZZARETI, Angelene; CASTILHOS, Marcos d. **Povo da rua: teatro de grupo, 20 anos, resistência, memória e dramaturgia**. 1. ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2019.

MATTOS, Valério; MATTOS NETO, Pedro. **Boi de Mamão, Boi de Inclusão**. 1. ed. Joinville: Editora Areia, 2016.

MICHELETTO, Franciane Sonni Martins. **Ensino de arte para alunos com deficiência: relato dos professores**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 2009. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/micheletto_fsm_me_mar.pdf. Acesso em: 13 maio 2025.

PEREIRA, Kariane Ferreira Alves; FERREIRA, Simoneida Alves; CHAHINI, Thelma Helena Costa. Inclusão social de pessoas com deficiência no contexto artístico. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 4, p. 1-14, 2024.

PEREIRA, Leisla Costa; SOARES, Larissa Rocha; SILVA, Silemar Maria de Medeiros da; REDDIG, Amalhe Baesso. Boi de Mamão na comunidade:

educação, cultura popular e as linguagens artístico-culturais. **Revista de Extensão da Unesc**, Criciúma, v. 2, n. 2, 2017. Relato de Experiência.

PEREIRA, Nereu do Vale. **O Boi de Mamão: folgado folclórico da Ilha de Santa Catarina: introdução ao seu estudo**. Florianópolis: Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, 2010. 1. ed.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2**. Revista Nacional de Reabilitação n. 58, set./out. 2007, p.20-30. Disponível em:

<https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%C3%93s-sem-n%C3%93s2.pdf> Acesso em 20 de junho de 2025.

SOARES, Doralécio. **Folclore de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1979.

SOMERA, Nicole. **O artista com deficiência no Brasil**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

TEIXEIRA, Ana Carolina Bezerra. **Deficiência em cena: o corpo deficiente entre criações e subversões**. *Mosaico – Revista de Pesquisa em Artes/FAP*, Curitiba, n. 3, p. 1–9, jan./jun. 2010. Disponível em:

<https://periodicos.unespar.edu.br/mosaico/article/view/1503/851> Acesso em 20 de junho de 2025.

WOULES, Nathielle. **Novas perspectivas no diálogo entre o ambiente acadêmico e a Arte DEF**. 2024. Disponível em:

<https://www.impar.art.br/post/arte-def-e-o-ambiente-acad%C3%AAmico> . Acesso em: 18 jun. 2025.